

# EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E O TURISMO SOCIAL: DESPERTANDO EMOÇÕES E PROMOVENDO A INCLUSÃO SOCIAL

## OUTREACH PROJECTS AND SOCIAL TOURISM: AWAKENING EMOTIONS AND PROMOTING SOCIAL INCLUSION

*LOBATO, Flavio Henrique Souza<sup>1</sup>*

*PINTO, Renata Clara Torres<sup>2</sup>*

*AIRES, Jamyle Cristine Abreu<sup>3</sup>*

*LIMA, Alisson Bruno Leite<sup>4</sup>*

*AVIZ, Larissa Beatriz da Silva<sup>5</sup>*

*RAVENA-CAÑETE, Voyner<sup>6</sup>*

### RESUMO

Este trabalho objetiva relatar as experiências e os sentimentos despertados nos participantes do Projeto de Extensão Universitária "Pobreza e meio ambiente entre gerações", durante os passeios realizados no Parque Mangal das Garças e na Fundação Cultural Tancredo Neves. Para tanto, foram realizadas pesquisas documentais, bibliográficas e uma pesquisa-ação, sendo entrevistas, produções de redações, conversas informais, registros fotográficos e observações diretas os instrumentos de coleta de dados utilizados. Os dados indicaram que as atividades turísticas dentro do Projeto permitiram o despertar de inúmeros sentimentos, sensações, interesses pelos estudos, pela cultura da cidade e o estímulo da memória, pois possibilitou um reencontro com o passado, no caso dos idosos, e com as crianças um aprendizado fora dos muros da escola. Deste modo, observou-se que passeios turísticos pela cidade são importantes ferramentas de educação, inclusão social e exercício da cidadania pelo lazer.

**Palavras-chave:** Extensão Universitária; Lazer; Turismo social; Pobreza; Inclusão social.

### ABSTRACT

This study reports the experiences and the feelings awakened in participants during the tours conducted in the Mangal das Garças Park and Cultural Tancredo Neves Foundation as part of their engagement in the University Outreach Project "Poverty and environment between generations". The project involved documentary and bibliographical research in addition to action research. The data collection instruments included interviews, essays, informal conversations, photographic records and direct observations. The data analysis indicated that the tourist activities within the project allowed the awakening of many feelings and sensations, the interest in studies and for the culture of the city as well as the stimulation of memory. In the case of the elderly, the activities allowed them to revisit the past. As for the children, the activities represented opportunities for learning outside the school walls. Therefore, it was observed that city tours are important tools for education, social inclusion and for the practice of citizenship through leisure activities.

**Keywords:** Outreach projects; Leisure; Social tourism; Poverty; Social inclusion.

1 Aluno do curso de Graduação em Turismo da Universidade Federal do Pará (UFPA), Brasil. E-mail: flaviolobato@hotmail.com

2 Aluna do curso de Graduação em Turismo da Universidade Federal do Pará (UFPA), Brasil. E-mail: renata1torres@hotmail.com

3 Aluna do curso de Graduação em Turismo da Universidade Federal do Pará (UFPA), Brasil. E-mail: jamyle.aires@gmail.com

4 Graduado em Fisioterapia pela Universidade Federal do Pará (UFPA), Brasil. E-mail: a.brunolima@hotmail.com

5 Especialista em Educação ambiental e uso sustentável dos recursos naturais pela Universidade Federal do Pará (UFPA), Brasil. E-mail: beatrizaviz@gmail.com

6 Professora da Universidade Federal do Pará (UFPA), Brasil. Doutora em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido pela Universidade Federal do Pará (UFPA), Brasil. E-mail: ravenacanete@gmail.com.br

## INTRODUÇÃO

Atividades de lazer se transformaram, na sociedade moderna, em um bem de consumo e como tal se restringem às classes sociais que podem pagar por ele. A experiência da viagem como lazer, em especial, merece destaque, dado que a disponibilidade de recursos financeiros e tempo para sua realização aparecerem como pontos elementares dessa atividade. Dessa sorte, a experiência da viagem, e de tudo o que ela permite, figura de forma quase inexistente na realidade de camadas sociais menos favorecidas da sociedade brasileira. Nesse sentido, Beni (2004, p. 295) discorre que “viajar é abrir novos horizontes, conhecer novas culturas, lugares e paisagens. A viagem rompe a rotina do cotidiano, revela novos cenários e traz para a vivência [...] expectativas sempre surpreendentes”.

Aprofundando ainda mais essa abordagem, o autor em tela afirma que a viagem promove

[...] muitas influências, eis que no aspecto subjetivo liberará o conteúdo de seus sonhos, seus desejos, sua imaginação projetiva e aumentará suas experiências existenciais. No aspecto material, por outro lado, crescerá seu acervo de conhecimentos. (BENI, 2004, p. 296).

Partindo da compreensão do turismo social como uma estratégia importante de inclusão social, este artigo descreve a experiência do projeto “Pobreza e meio ambiente entre gerações” (2013). Este se configura como a continuidade de uma longa trajetória de pesquisa e extensão realizada, desde o ano de 1998, junto a uma comunidade pobre, marcada por forte cenário de exclusão social, localizada às margens de um corpo d’água conhecido localmente como Igarapé Mata Fome. Trata-se da comunidade Bom Jesus I, bairro da Pratinha II, na periferia da cidade de Belém/PA.

Dentre as diversas atividades do projeto, o presente trabalho descreve e analisa, à luz de pressupostos importantes voltados à temática do lazer e do turismo social, as experiências vividas nos meses de agosto de 2013 a julho de 2014. Nesse período, o Projeto trabalhou com 20 idosos e 40 crianças (estudantes de uma Escola Estadual) da Comunidade Bom Jesus I. Ao longo dos meses de atuação, foram realizadas atividades voltadas ao lazer, à arte, cultura e saúde. A inserção de atividades turísticas de lazer no Projeto tem sua gênese a partir da inexistência desse tipo de atividade no cotidiano de idosos, crianças e adolescentes da Comunidade, e no fato de que, no decorrer dos anos de ações extensionistas e de pesquisa desenvolvidas nessa comunidade, a vontade de conhecer e desvendar lugares da cidade, a partir de práticas turísticas, se mostrou recorrente no discurso dos participantes.

O desejo de conhecer o desconhecido, de fantasiar com o imaginário turístico das belezas da cidade e não poder fazer disso uma realidade se estabelece por motivos variados, sobretudo os de cunho econômico. É importante ressaltar que a prática do turismo, ao longo dos anos, se desenvolveu para atender as necessidades e aspirações de um público específico – aquele que pode pagar pelas experiências, sentimentos e emoções despertadas em/por uma viagem turística. Barretto (1995) pontua que isso aconteceu em virtude de o turismo ter sido apropriado pela indústria cultural capitalista.

A prática de atividades turísticas por parte do Projeto, nesse sentido, foi escolhida por representar uma ferramenta importante em processos que envolvem populações que (sobre)vivem em cenários de exclusão social e de pobreza. Esse tipo de atividade tem a capacidade de promover comunicação, interação e integração entre pessoas, tanto fora como dentro de uma localidade, além da possibilidade de promoção de lazer e inclusão – por meio do turismo social (CAMARGO, 1986; BARRETTO, 1995).

Ademais, é uma atividade que propicia a mudança da paisagem, o enriquecimento cultural e a valorização da cidade. Afinal, muitas vezes, é a partir do turismo que a comunidade percebe a riqueza que tem ou na qual está inserida (COSTA et al.; 2013). Nessa direção, Costa et al. (2013) sinalizam que

o conhecimento dos recursos e belezas da cidade é de suma importância ao corroborar coma construção do sentimento de orgulho, identidade, valorização e preservação do seu patrimônio.

Sob este prisma, o Projeto realizou diversos passeios, que tiveram como finalidade proporcionar aos participantes um dia diferenciado, no qual pudessem fazer reflexões a respeito da vida em sociedade e a respeito de seus deveres e direitos enquanto cidadãos. De forma articulada, o Projeto buscou despertar e estimular, paralelamente, sentimentos, emoções, interesse e curiosidade pela fauna, flora e cultura amazônica-paraense. Nada obstante, no caso dos idosos, estes estímulos foram responsáveis por fazer com que rememorassem as lembranças culturais vivenciadas no transcorrer de suas vidas. Convém ressaltar que a efetiva participação dos comunitários que participaram dessa versão do projeto foi condição sine qua non para o alcance dos benefícios aqui citados.

Destarte, este trabalho, a partir de uma abordagem qualitativa, com realização de pesquisas documentais, bibliográficas e pesquisa-ação – ao empregar como técnicas de pesquisa e coleta de dados observações diretas, conversas informais, entrevistas, produção de redações e registros fotográficos –descreve as emoções, sensações e sentimentos despertados e estimulados durante os passeios realizados ao Mangal das Garças<sup>7</sup> e à Fundação Cultural Tancredo Neves<sup>8</sup>, ambos pontos turísticos importantes da capital paraense, evidenciando os benefícios das atividades do turismo social.

## TURISMO: UM MUNDO DE EXPERIÊNCIAS E EMOÇÕES

O turismo é uma atividade que se origina a partir do deslocamento de pessoas que saem de suas residências para outras localidades, motivadas pela necessidade de estabelecer novas (inter)relações sociais, trocas culturais, às vezes vão a negócios, visitas a familiares ou em busca de ter um tempo para si próprias (BARRETTO, 1995; BENI, 1997). Tais motivações, segundo Monlevade (2010), nascem a partir da dinâmica diária que a sociedade vivencia atualmente, em virtude do desenvolvimento do sistema capitalista.

De conformidade, ainda, com Monlevade (2010), as horas de trabalho parecem não ter fim, o cotidiano quando não é estressante, é monótono. As pessoas sentem agonia, o cansaço físico e o mental são inevitáveis, logo, as relações sociais se desgastam, sensações, sentimentos e emoções se cristalizam. Nesse cenário, ora monótono, ora estressante, o homem passa, cada vez mais, a perder sua serenidade e doçura, sua humanidade.

As pessoas viajam, portanto, por sentir vontade e necessidade de desprender-se, seja por meses, semanas, dias ou mesmo horas, darotina caótica, regada a discussões e problemas com familiares, vizinhos, colegas de sala de aula e/ou de trabalho, buscando forças para se recompor(MONLEVADE, 2010). Krippendorf (2001, p. 36), nessa direção, visualiza as viagens como uma experiência que compõe o que ele definiu de “ciclo de reconstituição do ser humano na sociedade industrial”, em que as coações

7 O Parque Zoobotânico Mangal das Garças localiza-se no centro da capital paraense e caracteriza-se por sua grande biodiversidade amazônica. “Construído pelo Governo do Estado com projeto idealizado pela Secretaria de Estado de Cultura (Secult), o espaço é administrado pela Organização Social Pará 2000, que realiza durante todo o ano diversos projetos culturais e de promoção da educação ambiental” (MANGAL DAS GARÇAS, 2015).

8 A Fundação Cultura Tancredo Neves figura como um importante centro cultural da capital paraense, sendo também conhecida como CENTUR. “A Fundação Cultural do Estado do Pará - FCP, ou simplesmente Centur, como ficou conhecido, é o maior centro de debates e manifestações culturais do Norte do país. É um espaço multifuncional com auditório, salas para cursos, teatro, cinema, biblioteca pública, galeria de arte e fonoteca, destinada a montagem de feiras, exposições, shows e festivais folclóricos.” (FUNDAÇÃO CULTURAL DO ESTADO DO PARÁ, 2015).

sociais – trabalho, família, etc. – compreendem o cotidiano e as viagens o anticotidiano.

Knebel (1974 apud DIAS, 2003, p. 18-19) assinala, ao definir a sociologia do turismo, que o homem se “transforma durante [suas] férias, [...] deixando para trás os diferentes papéis que desempenha (profissional, econômico, social, etc) e assumindo o papel de turista”. Em consonância com Monlevade (2010, p. 8), “quando o indivíduo se coloca no papel de turista [...] costuma se comportar de forma diferente do seu dia-a-dia, extravasando suas emoções, muitas vezes reprimidas pelo seu ambiente comum”. Ainda segundo a autora, isso se deve ao fato de que “para viver a liberdade e se desligar desse dia-a-dia, as pessoas [que] viajam, refazem as energias, descansam e procuram um pouco de felicidade. Isso significa viajar para viver, para sobreviver” (MONLEVADE, 2010, p. 2-3).

Sob esta perspectiva, Krippendorf (2001, p. 36) discorre que “as viagens pintam manchas coloridas na tela cinzenta da nossa existência. Elas devem reconstituir, recriar o homem, curar e sustentar o corpo e a alma, proporcionar uma fonte de forças vitais e trazer um sentido à vida”.

Assim, não será surpresa, ao questionar viajantes sobre o que as viagens turísticas lhes proporcionam, as respostas relembram a importância de conhecer novos lugares e pessoas, sair da rotina, mergulhar em outros contextos sociais, em outras culturas, vivências. Sentir e ter um contato mais estreito com a natureza; o restartar das energias; desprender-se das coações sociais, dos problemas, das angústias; viver a vida, viver e sentir a felicidade; conseguir se reencontrar e sentir-se quem é de verdade – também são respostas comuns.

Desse modo, os lugares visitados, as atividades realizadas e o contato com outras pessoas que as viagens turísticas proporcionam possibilitam adquirir conhecimentos, vivenciar outras realidades em sua plenitude – explorando, experimentando, sentindo, tocando, ouvindo, degustando, observando e se deliciando com experiências diferenciadas, únicas e inimagináveis, em que o aflorar das emoções, sensações e sentimentos de alegria, felicidade e paz são inevitáveis.

O interessante e, ao mesmo tempo, curioso na atividade turística é que os sentimentos, as sensações e emoções podem ser despertados em três momentos distintos: antes, durante e após as viagens. Antes da viagem, ao planejá-la, o indivíduo fantasia com felicidade tudo o que pretende fazer. Tomado pela ansiedade e empolgação, faz as malas, questiona-se sobre o que levar e tenta (re)criar, por meio de expectativas, como será a viagem.

Durante a viagem, um misto de sentimentos, sensações e emoções pulsa no corpo viajante. É nesse momento que tudo se manifesta com grande fervor, tudo é mais intenso, pois trata-se da materialização da viagem. Se a experiência está sendo boa, certamente as intensidades da felicidade, da alegria ou do fascínio serão altíssimas. Do mesmo modo, se as experiências de viagem se expressam de forma negativa, os índices de raiva, ira, tristeza ou desilusão serão elevados. Afinal, o sonho acaba se tornando um grande pesadelo, pois o homem que está fugindo dos problemas de seu dia adia acaba enfrentando novos.

Ainda no retorno à sua casa, uma mistura de sentimentos, emoções e sensações com diferentes conotações se instaura no viajante. Nesse momento, as lembranças de tudo o que foi vivido durante os passeios, as atividades, os encontros e desencontros “dançam” em sua mente. A vontade de que aqueles momentos se cristalizem é inevitável. O desejo de que sua casa ainda esteja distante, embora sinta saudade da família e de objetos pessoais, é constante. Pensar que tudo está findando, e que ao retornar terá que

enfrentar a realidade é, por tantas vezes, deprimente para o viajante.

As experiências vivenciadas durante as viagens não servem apenas para recarregar as energias, elas permitem ao viajante fazer reflexões sobre a vida e sobre quem, de fato, este indivíduo é. Ela, de fato, possibilita repensar suas ações e comportamentos em sociedade. Ademais, os sentimentos, sensações e emoções agora são marcados pela nostalgia que “arranca”, a cada página folheada dos álbuns de fotos, risos e choros, assim como despertam o desejo de reviver tudo outra vez.

Moreira e Schwartz (2006) apontam que os níveis de sensações e emoções, sejam boas ou ruins, estão atrelados ao ambiente e entorno onde as atividades serão/ foram realizadas<sup>9</sup> e ao planejamento<sup>10</sup> das mesmas. Esses níveis variam pelo fato de que as emoções, sensações e os sentimentos são vistos pela psicologia como “manifestações internas e profundas de estados psíquicos individuais que se relacionam a estímulos corporais e ou sensoriais internos ou externos” (SIQUEIRA, 2012, p. 461). Ou seja, são manifestações corporais subjetivas do ser humano, que estão condicionadas a estímulos internos e externos.

Segundo Tonini (2009), as emoções, as sensações e os sentimentos são mais intensos quando o visitante participa de maneira ativa das atividades, pois vivencia “experiências e momentos inesquecíveis” (TONINI, 2009, p. 94). São momentos em que os estímulos corporais e sensoriais internos e externos, de que Siqueira (2012) fala, são mais recorrentes.

Sob este pressuposto, o sujeito responsável pela efetivação do turismo transporta consigo todo um conglomerado de conhecimento e práticas histórico-culturais, bem como todas as experiências por ele já vividas (PANOSSO NETTO, 2005). Panosso Netto (2010), como já externalizado, também pontua que o viajante dá início, vivência e retorna de sua viagem abastecido de várias outras experiências, não necessariamente relacionadas a viagens, e através das novas experiências que ele viverá na viagem que está sendo realizada, seu universo intelectual e espiritual, além do cultural, será otimizado.

## TURISMO (E INCLUSÃO) SOCIAL

Como discutido na seção anterior, são múltiplos os benefícios, as emoções, as sensações e os sentimentos que as viagens turísticas podem proporcionar ao ser humano. Entrementes, o turismo ainda é uma atividade de poucos. Tonini (2009, p. 97) ressalta que a busca por “emoções e sensações únicas que o visitante pode ter” possui preço. Isso se deve ao fato de que o turismo, ao longo de seu desenvolvimento, foi apropriado pela indústria do lazer, sendo mais um produto de consumo no mercado, tornando-se uma atividade excludente. Barretto (2003, p. 51) classifica o turismo como “mais um produto da sociedade de consumo [...] é vendido a quem tem dinheiro”.

Diante deste cenário de exclusão, tem emergido no Brasil e nos demais países o chamado turismo social, cujo ideal é a inclusão social em seu sentido mais amplo, possibilitando, sobretudo, “às minorias sociais [...] acesso democrático a serviços, equipamentos e experiências turísticas” (CHEIBUB, 2009, p. 2). Dessa maneira, a compreensão de inclusão remete à promoção do acesso de pessoas que se encontram

9 Quanto ao ambiente/entorno, Beni (1997) e Moreira e Schwartz (2006, p. 115), ao citarem Bartley, ressaltam sobre “a importância da percepção dos componentes sensoriais disponíveis em qualquer paisagem, classificados em função de forma, cor, luz, textura, som, temperatura e atmosfera”.

10 Em relação ao planejamento, “questões quanto às disponibilidades (vivenciar o trajeto ou chegar ao destino, arranjos físicos de atendimento, tempo, preço, grupamento de viagem) interferem diretamente nos roteiros turísticos” (MOREIRA; SCHWARTZ, 2006, p. 115).

excluídas de meios— social, político, ambiental, cultural e, sobretudo, econômico —às atividades turísticas de lazer. Portanto, para a realização do turismo social, é necessário levar em consideração os mais diferentes aspectos (OLIVEIRA, 2008).

Nessa concepção, Pochmann (2006, p. 34) destaca que a inclusão social consiste no “desenvolvimento de estratégias que assegurem a emancipação social, política e econômica de todo segmento populacional e comunitário que vive nas condições velhas e novas de exclusão social”. Por esse motivo, o turismo social apresenta pelo menos duas direções, de conformidade com Silva (2008). A acessibilidade, que procura promover “através da oferta de facilidades econômicas, materiais e físicas para se praticar o turismo sem discriminação de cor, sexo, idade, religião ou condição financeira”; e a solidariedade, “por meio de um turismo responsável”, a fim de materializar “o desejo de um turismo para todos” (SILVA, 2008, p. 32).

O turismo social, nessa direção, pode ser trabalhado a partir do acesso de pessoas menos favorecidas a pontos turísticos e a viagens turísticas; da inclusão da comunidade na gestão da atividade turística; da participação de comunidade na geração de renda; do acesso de pessoas com necessidades especiais a restaurantes, hotéis, atrativos turísticos de cidades e em atividades de lazer, recreação, aventura, etc.

No Brasil e no estado do Pará, o turismo social tem como operador básico o Serviço Social do Comércio (SESC), atuando com a finalidade de programar viagens, passeios ou excursões a pessoas com hipossuficiência financeira, a preços abaixo do mercado turístico. O Sesc desenvolve o turismo social pregando valores como acessibilidade, solidariedade, respeito e, sobretudo, inclusão e exercício da cidadania (SESC, 2014).

Pereira, Neto e Zanini (2011) salientam que o turismo social, compreendido a partir do viés comercial, é uma realidade. Mesmo que de forma tímida, as populações menos favorecidas começam a utilizar os serviços turísticos oferecidos por este novo nicho de mercado. Ainda segundo os postulados dos autores mencionados, “o principal desafio da promoção desse segmento turístico implica no estímulo à organização, ao desenvolvimento e a expansão dessa atividade” (PEREIRA; NETO; ZANINI, 2011, p. 279).

## **EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E A COMUNIDADE BOM JESUS I, BELÉM (PA)**

Como forma de converter as universidades públicas também enquanto instrumentos de mudança em direção à justiça, à democracia e à materialização de direitos sociais, o Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras – FORPROEX, em 1999, criou a Política Nacional de Extensão Universitária, que vem se desenvolvendo a partir de discussões e incorporações de representantes das IES, por meio dos Encontros Nacionais (FORPROEX, 2012).

A extensão universitária brasileira<sup>11</sup> não é uma ferramenta de assistencialismo, criada com a finalidade de mitigar problemáticas que foram e vêm se desenhando por negligência do poder público, como comumente é vista, mas, sim, um instrumento que possibilita conhecer, pesquisar, analisar e produzir conhecimentos.

A partir desse processo é possível, então, encontrar respostas, atualizar e criar metodologias de intervenção, visando, através de políticas públicas, a melhoria da vida em/da sociedade (FORPROEX, 2012). Deste modo, com base nos princípios e diretrizes

11“A Extensão Universitária, sob o princípio constitucional da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, é um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre Universidade e outros setores da sociedade” (FORPROEX, 2012, p.15).

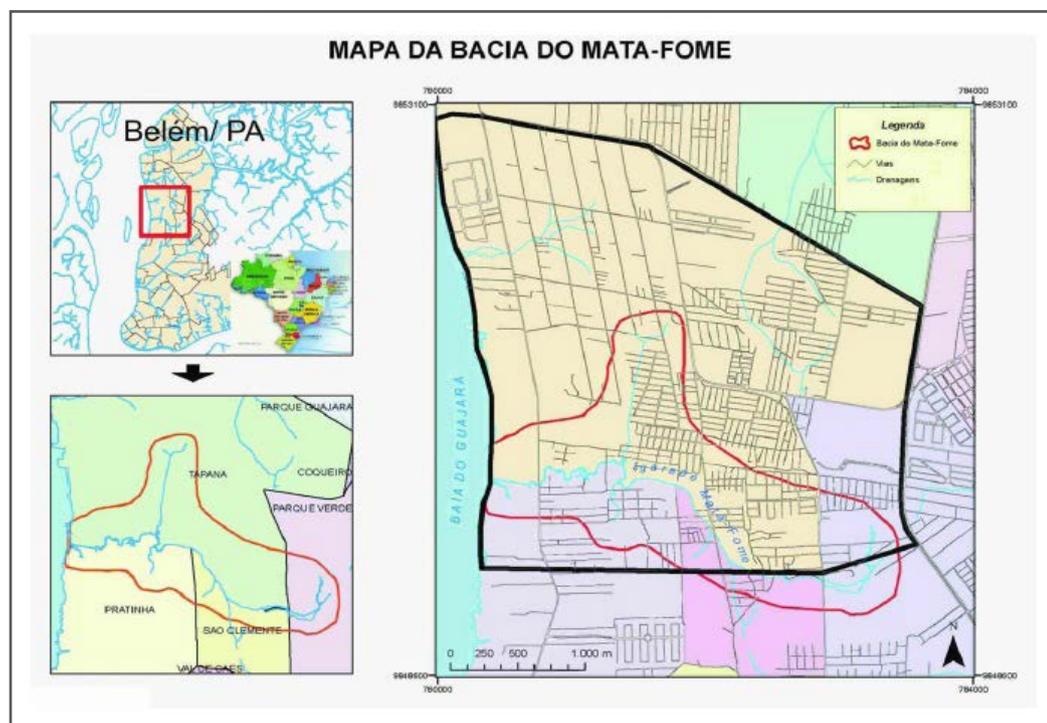
da Extensão Universitária brasileira, o Projeto “Pobreza e meio ambiente entre gerações” (Edital Eixo Transversal 2013) emerge como a continuação da larga trajetória de pesquisa e extensão realizada, desde o ano de 1998<sup>12</sup>, na Comunidade Bom Jesus I.

Composta por 11 quadras com 337 unidades habitacionais, tendo aproximadamente 1.174 moradores, conforme levantamento quantitativo realizado por Ravena-Cañete(2006), a Comunidade Bom Jesus I está localizada na bacia hidrográfica do Igarapé Mata Fome<sup>13</sup> (Mapa 1), o qual constitui o limite natural entre os bairros Tapaná e Pratinha, que integram a Região Metropolitana da Grande Belém (RMB).

A área se originou a partir da migração e ocupação de pessoas originárias de vários municípios ribeirinhos próximos à Belém. Inicialmente, a população que ocupou a área próxima ao igarapé construía casas provisórias para permanecer temporariamente em Belém, em geral buscando serviços como educação e saúde (RAVENA-CAÑETE, 2006).

### Mapa 1– Localização do Igarapé Mata Fome

Fonte: ARAÚJO (2007).



Atualmente, um emaranhado de palafitas situadas sobre o igarapé (Figura 1) marca uma área caracterizada pela exclusão social. São ocupações irregulares de famílias de baixa renda, em um meio com precária ou nenhuma infraestrutura básica (Figura 2). Nota-se na área a inexistência de inúmeros serviços urbanos, bem como a ausência de espaços para atividades de arte, esporte, saúde e lazer, que subsidiam o estabelecimento de inúmeros direitos civis (RAVENA-CAÑETE, 2006).

Por este motivo, no decorrer dos anos de atividades desenvolvidas nessa comunidade,

12 O esforço na manutenção de projetos de pesquisa e extensão na área resulta da compreensão de que a construção da capital social (PUTNAM, 1996) demanda atividades perenes capazes de consolidar processos de empoderamento (FREIRE, 1997; VALOURA, 2008) e, em consequência, ciclos virtuosos para a sociedade.

13 O nome atribuído ao igarapé não é casual, mas vincula-se às características desse curso d'água para os primeiros habitantes que ocuparam essa bacia hidrográfica: prover alimentos aos moradores, como, camarão, peixe e frutas (RAVENA-CAÑETE, 2006; ARAÚJO, 2007).

o desejo por práticas esportivas, culturais, lúdicas e a constante reclamação dos moradores sobre a ausência de oportunidades de lazer se mostraram recorrentes.

**Figura 1 – Palafitas sobre o Igarapé**

Fonte: Arquivo do Projeto(2013)



**Figura 2 – Ausência de serviços públicos**

Fonte: Arquivo do Projeto(2013)



Diante disso, o projeto “Pobreza e meio ambiente entre gerações” –contemplado com recursos do Edital Eixo Transversal (2013) da Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Pará (UFPA) –nesta versão com 20 idosos e 40 crianças e adolescentes –,ao trabalhar com/em processos de pobreza, desequilíbrio e exclusão social presentes no cotidiano da Comunidade Bom Jesus I, procurou ofertar e promover atividades, espaços reflexivos e o acesso à prática de esportes, cultura e lazer de crianças, adolescentes e idosos da comunidade, buscando a melhoria da qualidade de vida, a inclusão social e a construção de processos de empoderamento pessoal e social.

## METODOLOGIA

Para a realização do presente trabalho, o caminho metodológico construído partiu de uma abordagem qualitativa, perpassando por pesquisas documentais e bibliográficas, visando trabalhar as categorias de análise aqui tratadas e contextualizar o lócus de pesquisa e intervenção. Foi realizada, ainda, uma pesquisa-ação, a fim de construir uma realidade e investigá-la (SEVERINO, 2007). Como técnicas de pesquisa e coleta de dados, foram empregadas observações diretas, conversas informais e registros fotográficos antes, durante e após cada passeio.

Para além disso, foi realizada uma entrevista com 10 idosos, que visou identificar quais experiências, sentimentos, interesses e lembranças foram gerados durante a realização dos passeios. Por outro lado, com os 31 alunos<sup>14</sup> da Escola Pratinha II que foram ao passeio, foi solicitada uma redação na qual eles deveriam descrever e explicar o que eles aprenderam, sentiram, o que mais gostaram e o que mais acharam interessante durante o passeio.

Como mencionado anteriormente, os passeios ao Mangal das Garças e à Fundação Cultural Tancredo Neves foram as situações escolhidas para este estudo. O primeiro foi

<sup>14</sup> Dos 40 alunos atendidos pelo Projeto, apenas 31 participaram do passeio.

realizado no dia 28 de novembro de 2013, com os idosos (Figuras 3 e 4), e o segundo passeio aconteceu no dia 27 de maio de 2014 (Figura 5), com as crianças e jovens da Escola Estadual Pratinha II.

**Figura 3 – Passeio dos Idosos ao Mangal**



Fonte: Pesquisa de campo (2013)

**Figura 4 – Passeio dos Idosos ao Mangal**



Fonte: Pesquisa de campo (2013)

**Figura 5– Na Gibiteca da Fundação**



Fonte: Pesquisa de campo (2014)

Os locais de visitação foram escolhidos a partir de conversas com idosos e, no caso das crianças, a conversa se deu também com a coordenação pedagógica da escola e extensionistas do Projeto, a fim de ponderar e dinamizar os benefícios dos passeios.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

O que para muitas pessoas pode consistir em um simples passeio ou visita, na vida dessas pessoas a ida até esses espaços vai muito além. O simples deslocamento, “o passear de ônibus pela cidade”, por si só, fez uma grande diferença em sua relação e visão para com o mundo e na própria percepção sobre a cidade. Sair e esquecer, mesmo que por poucas horas, da rotina, do estresse, das preocupações e dos problemas diários é uma forma de “recarregar as energias”, é se restartar. Conhecer localidades da cidade, antes ignoradas e de difícil acesso para essa população de baixa renda, evidenciou-se como um dos pontos importantes em seu discurso.

As entrevistas realizadas com 10 idosos mostraram que eles se sentiram “mais felizes” somente pelo fato de “sair da comunidade”. Assim, “conhecer o novo”, o desconhecido, acessar

uma realidade completamente diferenciada, na qual foi possível ter um contato maior com a natureza, “foi, sem dúvida, incrível”. Isto revela o quão carentes são tais pessoas de atividades de lazer, e sair da comunidade é algo prazeroso para elas.

Segundo as falas dos idosos, a visita proporcionou o (re)“conhecer a riqueza que a cidade tem”, o “renovar das energias”, um contato maior com a natureza. No relato dos integrantes do Projeto, o local visitado apareceu como um espaço onde foi possível “sentir a tranquilidade” por meio do balançar das árvores e a vista do pôr-do-sol. Mas a visita foi especialmente importante para os idosos, pois permitiu-lhes “lembrar o passado”, quando o contato com a natureza era mais estreito e carregado de simbologias, muito diferente de agora, em que a atual conjuntura impossibilita essa vivência, dada a agitação e caos dos grandes centros urbanos.

“Seu” Jorge Libanho, como o chamam, ao olhar para o carrinho de “raspa-raspa”<sup>15</sup> (Figura 6), se emocionou bastante e contou: “meu pai, durante boa parte de sua vida, tirava o sustento de nossa família de um carrinho como esse”. Dona Izabel, por sua vez, em entrevista concedida à equipe de comunicação do Mangal, expressa sua emoção e nostalgia ao dizer que “o Mangal é muito bonito, me fez lembrar muito onde nasci, rodeado de muitas aves e plantas” (Figura 7).

**Figura 6– Carrinho de Raspa-raspa**



Fonte: Pesquisa de campo (2013)

**Figura 7 –Idosos em meio à fauna e à flora**



Fonte: Pesquisa de campo (2013)

Fortuna (2012, p. 27), apoderando-se da concepção de emoção de David Lowenthal (1975), apresenta uma argumentação passível de ser articulada ao relato do seu Jorge Libanho, assim como ao de dona Izabel, pois ambos podem estar atrelados “ao sentimento de partilha de um tempo passado que a antiguidade das coisas e dos lugares pode suscitar em cada um de nós”.

Ainda segundo o autor, “trata-se de uma sensação muito particular [individual] resultante de poder visitar, presenciar ou mesmo tocar testemunhos [...]do passado cultural [...] mais ou menos significativo” vivenciado por esses idosos em suas infâncias e/ou parte de suas adolescências (FORTUNA, 2012, p. 27-28).

Essas falas ressaltam, portanto, a importância de atividades de lazer, em especial as atividades turísticas, uma vez que o passeio dos idosos oportunizou, mesmo que em diferentes graus, momentos de grande emoção e o lembrar de fatos e objetos importantes na vida de cada um.

Fortuna (2012, p. 28) sinaliza que “a emoção que um determinado indivíduo

<sup>15</sup> “Raspa-raspa” é um tipo de refresco local feito à base de gelo raspado e suco de frutas regionais. Trata-se de um produto muito consumido no passado, antes da incorporação de novos produtos industrializados no comércio da cidade. Atualmente, é encontrado quase que exclusivamente aos domingos, na Praça da República, área central da cidade.

experimenta em dado momento depende do seu grau de pertença e identificação com o panorama cultural envolvente”. Dessa maneira, foi possível observar o encanto nos olhos dos idosos ao se depararem com cada animal, planta e espaço do Mangal, sendo a vontade de voltar àquele lugar frequente nos discursos dos idosos, como ressalta dona Izabel: “o trabalho desenvolvido aqui [Mangal das Garças] está de parabéns, assim como os rapazes que nos trouxeram a este lugar maravilho, que quero voltar mais vezes”.

Sob esta perspectiva, Moreira e Schwartz (2006) ao citarem Krippendorf (1989) ressaltam que a beleza dos locais visitados somada à qualidade da infraestrutura são alguns dos fatores sinequa non há como atender as expectativas e as experiências serem agradáveis, fazendo com que o visitante sinta vontade de retornar mais vezes à destinação.

No que se refere às crianças e aos adolescentes da escola, as redações produzidas a respeito do passeio à Fundação Cultural Tancredo Neves revelaram que o Programa e os “tios”, como eram chamados os bolsistas, estavam de parabéns, pois o passeio deixou-os “muito contente”, “alegre”, “feliz”, “interessado” [a] e “entusiasmado” [a]. Ademais, os estudantes perceberam-no como contribuinte do bem-estar, ao permitir a fuga da rotina e estresse cotidiano, promovendo o acesso a novos lugares, “novas experiências” e novas trocas culturais.

Camargo (1986, 26-27), sob esse prisma, pondera que as atividades turísticas de lazer proporcionam mudanças significativas no ser humano ao serem praticadas, uma vez que proporcionam “a mudança da paisagem, ritmo e estilo de vida [...]”. Conhecer lugares, novas formas de vida”, ou seja, estabelecer relações e aflorar emoções, sentimentos, sensações ou percepções.

A visita permitiu que as crianças aprendessem “novos conhecimentos fora da escola”, mas que tinham relação aos conteúdos estudados em sala, bem como “conhecer um novo lugar”, que possui muitas formas de aguçar os sentidos e as percepções, através das músicas e dos instrumentos musicais na Fonoteca (Figura 8); os filmes assistidos no Cineminha (Figura 9) e um pouco mais do imaginário folclórico da Amazônia; a partir da leitura de livros e gibis, do teatrinho e das dinâmicas realizadas na Gibiteca.

**Figura 8 –Fonoteca**



Fonte: Pesquisa de campo (2014)

**Figura 9 – Sessão de Cinema na Fundação**



Fonte: Pesquisa de campo (2014),3

Ao final da visita, uma das servidoras da Fundação presenteou todos os alunos com livros, como uma forma de incentivar e estimular a leitura. Vários alunos relataram com entusiasmo, em suas redações, um pouco das histórias encontradas na leitura dos livros, demonstrando que o hábito da leitura e processos educacionais podem ser dinamizados

por meio de atividades de lazer.

Desse modo, o lazer pode ser compreendido enquanto “um modelo cultural de prática social que interfere no desenvolvimento pessoal e social dos indivíduos”, compondo a chamada educação informal, visto que, através de encontros com os amigos, de informações disseminadas em filmes, músicas, peças de teatro, entre outras atividades, se estabelece a educação de um indivíduo (CAMARGO, 1986, p. 71).

Assim, Camargo (1986, p. 75) pontua o lazer como um campo educativo, que ao contrário do que se pode pensar, não é apenas “para se aprender coisas, mas para exercitar equilibradamente as possibilidades da participação social”. Portanto, o lazer compreende um meio eficaz de educação e estabelecimento da cidadania, tendo em vista o seu caráter lúdico e assistemático de repassar conhecimentos, como foi possível perceber nas redações das crianças e dos adolescentes que foram ao passeio.

O turismo, sob essa perspectiva, passa cada vez mais a ser utilizado enquanto uma ferramenta de lazer educativa e, sobretudo, inclusiva, tendo em mente que possibilita, em sua efetivação, períodos favoráveis de educação, segundo Camargo (1986). Esses períodos, de acordo com o autor, abrangem antes, durante e após as viagens, excursões ou passeios. Por meio desses momentos, o turismo social (antes) estimula a curiosidade da comunidade ou do grupo excluído, em geral, econômica e socialmente, despertando o interesse pelo desconhecido.

Por outro lado, o turismo social promove (durante) um choque de realidades e uma integração de pessoas de diferentes localidades, hábitos e costumes, possibilitando conhecer mais de perto as peculiaridades e autenticidades (CAMARGO, 1986; GOMES; MOTA; PERINOTTO, 2012). Pode-se notar, ainda, que o turismo acaba aproximando pessoas de faixa etárias e classes sociais (e econômicas) distantes, como aconteceu com os idosos no Mangal e, igualmente, com as crianças, no transcorrer do passeio à Fundação Cultural Tancredo Neves.

O turismo social estabelece (após), ainda, choques e reflexões sobre a maneira de se ver a vida e o papel do indivíduo enquanto cidadão inserido em uma sociedade regida por leis e detentora de direitos e deveres (CAMARGO, 1986).

Dessa maneira, o passeio permitiu a todos pensar sobre como agir para evitar a contaminação dos rios, a poluição do ar, a extinção de animais, de plantas e das belezas cênicas, assim como preservar a cultura à qual estão inseridos. Conduziu, ainda, à reflexão sobre a necessidade de se cobrar do poder público a garantia de direitos, como a inclusão social, evidenciando a importância da manutenção de um ambiente equilibrado social e ambientalmente.

## CONCLUSÕES

As atividades turísticas de lazer do projeto “Pobreza e meio ambiente entre gerações” se mostraram como ações de grande importância do ponto de vista social. Destarte, na perspectiva do lazer, ficou explícito que, como um direito e uma possibilidade de ampliação dos horizontes humanos, esta se tornou uma atividade singular no alcance dos objetivos deste estudo. Tais ações despertaram sentimentos, sensações e interesses positivos ao desenvolvimento pessoal e social dos participantes do Projeto.

No caso específico dos idosos, a visita ao Mangal oportunizou o despertar de muitos sentimentos, emoções e lembranças de tempos difíceis e felizes nos locais, mais “remotos”

do interior da Amazônia, onde residiam. As crianças, por sua vez, compreenderam que não é somente dentro da escola que se pode obter conhecimentos, e que a Fundação Tancredo Neves é um ótimo espaço de pesquisa para os trabalhos escolares; ainda, que se pode aprender por meio de brincadeiras, por meio do lazer. Portanto, de maneiras antagônicas, porém complementares, este estudo contribuiu com o modo de se enxergar a atividade, seja ela prospectivamente (no caso das crianças) ou retrospectivamente (no caso dos idosos).

Mesmo que de forma pontual, o lazer turístico pôde ser promovido e vivenciado por ambos os grupos (idosos e crianças), sendo a cidade revelada em facetas antes desconhecidas. Nessas, os participantes puderam conhecer espaços vistos antes somente pelo lado de fora, ambientes que contrastam com as realidades vivenciadas na comunidade em que (sobre)vivem, e, portanto, tais experiências oportunizam o nascimento de processos importantes para o exercer da cidadania e da promoção da inclusão social.

Afinal, ainda que atualmente os interesses e as vontades sejam condicionados pela persuasão dos mecanismos de dominação da indústria cultural, através de projetos como este pode-se fazer com que as decisões, seja de idosos ou crianças, levem em consideração outros fatores. Aumenta também a capacidade de se enxergar os locais nos quais eles residem de maneira mais lúdica e identitária, aumentando o nível de conservação e cobrança por parte deste “novo turista dentro da sua própria cidade”, o que, em consequência, pode levá-lo a ser mais empoderado quanto à sua condição de vida.

## AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Pará – UFPA, que, por meio do Edital Eixo Transversal (2013), concedeu recursos para o desenvolvimento do projeto de extensão “Pobreza e meio ambiente entre gerações” e, por conseguinte, oportunizou a construção deste estudo. Agradecemos, também, aos idosos, aos adolescentes, às crianças e aos extensionistas que tornaram possível o sucesso do projeto na versão aqui descrita.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, G. M. **A degradação dos recursos hídricos da bacia hidrográfica do igarapé mata fome, Belém-PA: uma consequência do processo de urbanização.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2007.
- BARRETTO, M. **Manual de iniciação ao estudo do turismo.** 11.ed. Coleção Turismo. São Paulo/Campinas: Papirus, 1995.
- \_\_\_\_\_. O imprescindível aporte das ciências sociais para o planejamento e a compreensão do turismo. **Horizontes Antropológicos**, ano 9, n. 20, p.15-29, 2003.
- BENI, M. C. **Análise Estrutural do Turismo.** São Paulo: SENAC, 1997.
- \_\_\_\_\_. M. C. Turismo: da economia de serviços à economia da experiência. **Turismo - Visão e Ação**, v. 6, n.3, p. 295-305, 2004. Disponível em: <<http://www6.univali.br/seer/index.php/rtva/article/view/1063/872>> Acesso em: 12 mar. 2015.
- CAMARGO, L. O. L. **O que é lazer.** São Paulo: Brasiliense, 1986.
- CHEIBUB, B. L. **Lazer, experiência turística, mediação e cidadania: um estudo sobre o projeto turismo jovem cidadão (Sesc-RJ).** 217 f. Dissertação (Mestrado em Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.
- COSTA, A. C. J. et al. A importância do (re) conhecimento dos atrativos turísticos no sucesso da atividade turística em Belém do Pará. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE TURISMO, 8., 2013, Recife. **Anais...** Recife: Bureau de Cultura, 2013.
- DIAS, R. **Sociologia do Turismo.** São Paulo: Atlas, 2003.
- FORTUNA, C. Patrimônio, turismo e emoção. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 97, p. 23-40. Disponível em: <<http://rccs.revues.org/4898>>. Acesso em: 10 jan. 2015.

FÓRUM de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. **Plano Nacional de Extensão Universitária**. Manaus: Editus, 2012. (Extensão Universitária, v.1). Disponível em: <<http://www.renex.org.br/documentos/2012-07-13-Politica-Nacional-de-Extensao.pdf>> Acesso em: 10 dez. 2014.

FREIRE P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FUNDAÇÃO Cultural do Pará. **Institucional**: conheça nossa história. Belém: [s/ed], 2015. Disponível em: <<http://www.fcp.pa.gov.br/index.php/institucional>> Acesso em: 03 mar. 2015.

GOMES, D. S.; MOTA, K. M.; PERINOTTO, A. R. C. Turismo pedagógico como ferramenta de educação patrimonial: a visão dos professores de História em um colégio estadual de Parnaíba (Piauí, Brasil). **Turismo & Sociedade**, Curitiba, v. 5, n.1, p. 82-103, 2012. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/turismo/article/view/25326/17713>> . Acesso em: 05 nov. 2014.

KRIPPENDORF, J. **Sociologia do Turismo**: para uma nova compreensão do lazer e das viagens. São Paulo: Aleph, 2001.

MANGAL das Garças. **Educação ambiental é um dos pilares do Mangal das Garças em dez anos de história**. Belém: [s/ed], 2015. Disponível em: <<http://www.mangaldasgarças.com.br/noticia/educacao-ambiental-e-um-dos-pilares-do-mangal-das-garcas-em-dez-anos-de-historia>> Acesso em: 03 mar. 2015.

MONLEVADE, A. P. B. D. Por uma Sociologia do Turismo: Estudo Introdutório. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM TURISMO DO MERCOSUL, IV., 2010, Caxias do Sul. **Anais....** Caxias do Sul: UCS, 2010. Disponível em: <[http://www.ucs.br/ucs/tpiSeminTur2010/eventos/seminario\\_de\\_pesquisa\\_semintur/anais/gt09/arquivos/09/Por%20uma%20Sociologia%20do%20Turismo%20Estudo%20Introdutorio.pdf](http://www.ucs.br/ucs/tpiSeminTur2010/eventos/seminario_de_pesquisa_semintur/anais/gt09/arquivos/09/Por%20uma%20Sociologia%20do%20Turismo%20Estudo%20Introdutorio.pdf)> Acesso em: 12 nov. 2014.

MOREIRA, J. C. C.; SCHWARTZ, G. M. Sintonizando Sensações e Emoções com Roteiros de Turismo Alternativo: um estudo com praticantes de atividades físicas na natureza. **Turismo em Análise**, v. 17, n. 1, p. 108-126, 2006. Disponível em: <[www.spell.org.br/documentos/download/27950](http://www.spell.org.br/documentos/download/27950)>. Acesso em: 15 nov. 2014.

OLIVEIRA, H. V. A prática do Turismo como fator de Inclusão Social. **Revista de Ciências Gerenciais**, Anápolis, v. 7, n. 16, p. 91-103, dez. 2008. Disponível em: <<http://www.sare.anhanguera.com/index.php/rcger/article/view/379/380>>. Acesso em: 24 jul. 2013.

PEREIRA, J.; NETO, L. M. ZANINI, R. Central de Turismo Social do SESC/Florianópolis-SC: a inclusão pela via do turismo. **Turismo em Análise**, v. 22, n. 2, ago. 2011.

POCHMANN, M. **Espaço urbano e inclusão social**: a estratégia inovadora de inclusão social em São Paulo. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006.

PANOSSO NETTO, A. Experiência e turismo: uma união possível. In: \_\_\_\_\_; GAETA, C. (Org.). **Turismo de experiência**. São Paulo: Senac, 2010. p. 43-55.

\_\_\_\_\_. **Filosofia do turismo**: teoria e epistemologia. São Paulo: Aleph, 2005.

PUTNAM, R. **Comunidade e Democracia**: a experiência da Itália moderna. Tradução: Luis Alberto Monjardim. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

RAVENA-CAÑETE, V. **A descrição do possível**: a experiência de intervenção da Unama no Igarapé Mata Fome e o levantamento de dados socioeconômicos. Belém: Editora Unama, 2006.

SCARAMUZZINI, F. Visitas monitoradas movimentam o Parque. **Ascom OS Pará 2000**. Belém, 21 jun. 2013. Disponível em: <<http://www.mangalpa.com.br/?p=2372>> Acesso em: 12 set. 2014.

SESC - PA, Serviço Social do Comércio do Pará. **Turismo social**: informações. 2014. Disponível em: <<http://www.sesc-pa.com.br/index.php?page=menu/menuSuperior/area&areaprincipal=4&area=Turismo%20Social>>. Acesso em: 14 nov. 2014.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, A. M. T. **Turismo Social e Políticas Públicas**: Estratégias de Otimização para o SESC - Triunfo (PE). Dissertação (Mestrado em Gestão Pública) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008. Disponível em: <<http://web3c.com.br/poloiguassu/arquivos/Ana%20Travassos-1.pdf>>. Acesso em: 27 mai. 2013.

SIQUEIRA, E. D. D. Um rio de emoções: turismo, violência e cotidiano nas representações midiáticas do carnaval carioca. **Revista Rosa dos Ventos**, v. 4, p.458-468, out-dez. 2012. Disponível em: [http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/rosadosventos/article/view/1812/pdf\\_91](http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/rosadosventos/article/view/1812/pdf_91). Acesso em: 14 nov. 2014.

TONINI, H. Economia da experiência: o consumo de emoções na Região Uva e Vinho. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, v. 3, n. 1, p. 90-107, abr. 2009. Disponível em: <[www.spell.org.br/documentos/download/4671](http://www.spell.org.br/documentos/download/4671)> Acesso em: 13 nov. 2014.

VALOURA, L. D. C. **Paulo Freire, o educador brasileiro autor do termo empoderamento, em seu sentido transformador**. 2006. Disponível em:

<[http://www.paulofreire.org/pub/Crpf/CrpfAcervo000120/Paulo\\_Freire\\_e\\_o\\_conceito\\_de\\_empoderamento.pdf](http://www.paulofreire.org/pub/Crpf/CrpfAcervo000120/Paulo_Freire_e_o_conceito_de_empoderamento.pdf)>. Acesso em: 10 dez. 2014.

Artigo recebido em:  
30/04/2015

Aceito para publicação em:  
28/08/2015

